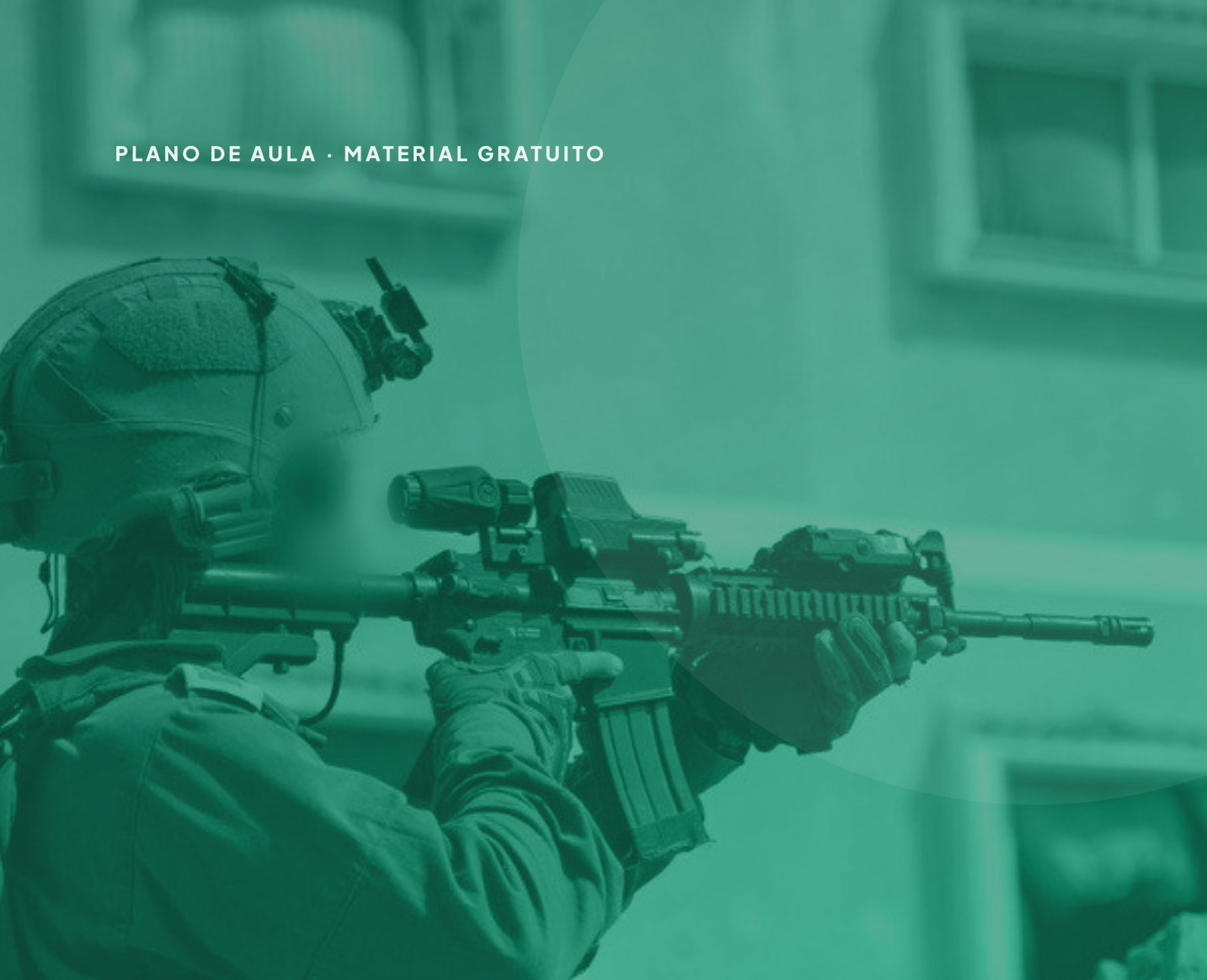
PLANO DE AULA · MATERIAL GRATUITO



Como falar do 7 de outubro em sala de aula

Plano de aula pronto sobre o ataque de 7 de outubro de 2023: objetivos, roteiro de 90 minutos, atividade com fontes primárias, avaliação e cuidados.

Juventude Judaica Organizada
jjo.org.br · Para escolas, professores · 15 a 17 anos

Foto da capa: Soldado das Forças de Defesa de Israel aponta arma em Gaza, 2024. IDF Spokesperson's Unit photographer · CC BY-SA 3.0 · Wikimedia Commons

PARA	IDADE	EXTENSÃO
Escolas · Professores	15 a 17 anos	Ensino Médio · 2 aulas
TEMA	**FORMATO**	**VERSÃO**
Atualidade	Plano de aula	em revisão · out/2026

> Para falar do 7 de outubro no Ensino Médio, o professor parte dos fatos documentados: em 7 de outubro de 2023, o Hamas e outros grupos terroristas invadiram o sul de Israel, mataram cerca de 1.200 pessoas e sequestraram cerca de 250. Em 90 minutos, a aula ensina a analisar fontes primárias e a separar fato de alegação, com cuidado para proteger alunos sensíveis e rejeitar o ódio a qualquer povo.

Para quem é esta aula, quanto tempo dura e o que ela pretende?

A aula foi pensada para turmas do Ensino Médio, dura 90 minutos e pode ser usada em História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

Público: estudantes do Ensino Médio. Adapte a profundidade ao grupo e ao clima da turma.

Objetivos: - Conhecer os fatos documentados do ataque de 7 de outubro de 2023. - Distinguir fato documentado, alegação em investigação e disputa política ou jurídica. - Analisar fontes primárias: relatórios da ONU, laudos forenses, documentos e testemunhos. - Entender conceitos do Direito Internacional Humanitário, como *população civil protegida*, *princípio da distinção* e a proibição da tomada de reféns. - Reconhecer e rejeitar o antissemitismo, a islamofobia e o racismo.

Materiais: - Linha do tempo impressa ou projetada (veja abaixo). - Trechos do relatório da Comissão Internacional Independente de Inquérito da ONU (A/HRC/56/26). - Trechos do relatório da Representante Especial da ONU sobre Violência Sexual em Conflitos, Pramila Patten (março de 2024, documento S/2024/217). - Reportagens da Reuters e os livretos da Escola Superior de Guerra sobre o conflito. - Fichas de análise de fonte e quadro de três colunas.

Quais habilidades da BNCC esta aula trabalha?

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que este material desenvolve:

- **EM13CHS101** (1ª a 3ª série): Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. *Na aula:* Na oficina de fontes primárias, os grupos A, B e C analisam e comparam ordens escritas, relatórios da ONU, perícias forenses e depoimentos do Edut 710 sobre o 7 de outubro.

- **EM13CHS103** (1ª a 3ª série): Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). *Na aula:* Os alunos selecionam evidências e as classificam no quadro de três colunas (fato documentado, alegação em investigação, disputa política ou jurídica), sustentando a síntese individual com fonte e data.
- **EM13CHS503** (1ª a 3ª série): Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos. *Na aula:* O debate guiado aborda violência contra civis, tomada de reféns e violência sexual, discutindo mecanismos de combate a elas pelo Direito Internacional Humanitário e pelo princípio da distinção.
- **EM13CHS502** (1ª a 3ª série): Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. *Na aula:* As regras do debate e a gestão de conflitos levam os alunos a individualizar responsabilidades e rejeitar antissemitismo, islamofobia, racismo e culpa coletiva contra judeus, palestinos ou muçulmanos.
- **EM13LP39** (Língua Portuguesa): Usar procedimentos de checagem de fatos noticiados e fotos publicadas (verificar/avaliar veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, formatação; comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e sites checadores etc.), de forma a combater a proliferação de notícias falsas (fake news). *Na aula:* O roteiro de checagem (fonte original, data, confirmação independente, vídeo fora de contexto, metodologia dos números) é aplicado a conteúdos e postagens para combater fake news sobre o ataque.

Texto oficial da BNCC (MEC, documento homologado), disponível em basenacionalcomum.mec.gov.br. A coordenação pedagógica da escola pode ajustar a escolha ao seu currículo.

O que o professor precisa saber sobre os fatos do 7 de outubro?

O 7 de outubro de 2023 foi um ataque terrorista coordenado do Hamas e de outros grupos, lançado a partir de Gaza contra comunidades civis, bases militares e um festival de música no sul de Israel.

O ataque começou por volta das 6h29, num Shabat que coincidia com o feriado judaico de Simchat Torá, perto dos 50 anos da Guerra do Yom Kippur.

Principais fatos documentados: - Foguetes: a ofensiva começou com o disparo de milhares de foguetes; as estimativas vão de mais de 3.000 a 5.000. - Invasão: cerca de 3.000 terroristas do Hamas e cerca de 2.000 integrantes de outras facções, como a Jihad Islâmica e a PFLP, além de civis de Gaza, romperam a barreira de segurança em dezenas de pontos. - Locais atingidos: as estimativas citam mais de 20 comunidades ou 26 localidades, entre elas os kibutzim Be'eri, Nir Oz, Kfar Aza e Nir Yitzhak, as cidades de Sderot e Ofakim e o festival Nova, perto de Re'im. - Mortos: cerca de 1.200 pessoas (o número inicial, de cerca de 1.400, foi revisado depois). Mais de 800 eram civis, e só no

festival Nova morreram 364. - Feridos: mais de 5.500. - Reféns: cerca de 250 pessoas foram levadas para Gaza. Algumas fontes falam em 251, e a Comissão de Inquérito da ONU registrou 252. Havia bebês, crianças, idosos (entre eles sobreviventes do Holocausto), jovens do festival e militares. - Estrangeiros: mais de 200 vítimas eram estrangeiras ou tinham dupla nacionalidade, entre elas trabalhadores e estudantes da Tailândia e do Nepal.

Intenção e método: segundo os relatos, ordens escritas recuperadas com corpos de terroristas instruíam a "causar o maior número de vítimas humanas e capturar reféns", e foram encontrados também guias táticos sobre o uso de civis e de infraestrutura urbana. A Comissão de Inquérito da ONU concluiu que houve crimes de guerra. O relatório de Pramila Patten encontrou motivos razoáveis para acreditar que houve violência sexual e estupro em vários locais do ataque e contra reféns em cativeiro.

Brasil: o governo brasileiro condenou os ataques. Brasileiros que estavam retidos em Gaza saíram depois pela passagem de Rafah, segundo a Reuters, num grupo de 32 brasileiros e familiares. Não diga aos alunos que eles eram reféns, porque estavam retidos pela guerra.

Quem começou a guerra: a guerra em Gaza, que Israel chamou de Operação Espadas de Ferro, começou como resposta a esse ataque. O sofrimento de civis em Gaza é real e pode ser discutido, mas a aula deve deixar claro que o Hamas iniciou a guerra, fez reféns e usa a população civil como escudo.

Dado	Número	Observação
Mortos em Israel	cerca de 1.200	revisado a partir de cerca de 1.400
Civis mortos	mais de 800	inclui crianças e idosos
Mortos no festival Nova	364	perto de Re'im
Feridos	mais de 5.500	
Reféns	cerca de 250	251 ou 252, conforme a fonte
Brasileiros repatriados de Gaza	32	brasileiros e familiares, via Rafah

Como falar do 7 de outubro em sala de aula, passo a passo?

A aula tem quatro etapas que somam 90 minutos: fatos, oficina de fontes, debate guiado e síntese.

Abertura e contextualização (20 min) - Avise antes que o tema envolve mortes, sequestros e violência sexual, e diga que ninguém será exposto a imagens explícitas. - Apresente a linha do tempo: o ataque, os sequestros, a reação militar israelense, o cessar-fogo de novembro de 2023 com libertação de reféns e a Resolução 2735 do Conselho de Segurança da ONU. - Explique que o conflito tem uma longa história de guerras, disputas e fracassos diplomáticos, deixando claro que **contextualizar não significa justificar** o ataque.

Oficina de fontes primárias (35 min) - Divida a turma em três grupos, A, B e C (a tarefa de cada um está na seção seguinte). - Cada grupo responde a um roteiro de perguntas sobre o seu material.

Debate guiado (20 min) - Discuta a proteção de civis, a proibição da tomada de reféns e o princípio da distinção entre combatentes e civis, incluindo o uso da população de Gaza como escudo pelo Hamas. - Trate do impacto global do ataque, incluindo a onda de antissemitismo e de discurso de ódio registrada no mundo depois do 7 de outubro.

Encerramento e síntese (15 min) - Cada aluno escreve uma síntese individual sobre a importância do rigor documental e do combate às *fake news* em guerras.

Que atividade os alunos fazem?

Na atividade principal, os alunos analisam fontes primárias em grupos e classificam cada informação em três colunas.

Grupo A: documentos de planejamento - Material: ordens escritas e mapas de kibutzim recuperados após o ataque. - Pergunta: o que esses documentos revelam sobre a intenção de atingir civis? Qual é a diferença entre declarações públicas e documentos internos?

Grupo B: relatórios oficiais e perícias - Material: o relatório da Comissão de Inquérito da ONU, o relatório de Pramila Patten e o trabalho do Centro Nacional de Medicina Legal de Israel (Abu Kabir), que, sob coordenação do Dr. Chen Kugel, fez mais de 14.000 testes de DNA para identificar as vítimas. - Pergunta: como os peritos reúnem provas? Como uma prova se torna válida para o Direito Internacional Humanitário?

Grupo C: testemunhos e registros digitais - Material: depoimentos do projeto Edut 710, que reuniu mais de 1.700 depoimentos de sobreviventes, socorristas e profissionais de saúde, e o arquivo "Bearing Witness" da Biblioteca Nacional de Israel, com mais de 2 milhões de arquivos digitais. - Pergunta: como o Hamas usou câmeras e redes sociais, como o Telegram, para propaganda em tempo real? Que cuidado devemos ter ao consumir essas imagens?

Quadro de três colunas (todos os grupos):

Fato documentado	Alegação em investigação	Disputa política ou jurídica
Ex.: cerca de 1.200 mortos	Ex.: relato ainda sem confirmação independente	Ex.: acusações de genocídio

Checagem de informação: antes de aceitar um conteúdo, o aluno pergunta: - Qual é a fonte original? - A data combina com o acontecimento? - Outros veículos independentes confirmam a informação? - O vídeo pode ser antigo ou de outro contexto? - O número tem data e metodologia?

Como avaliar a aprendizagem?

A avaliação observa se o aluno sabe separar fato de alegação e usar fontes com rigor.

Critérios sugeridos: - Precisão: o aluno usa dados com fonte e data, por exemplo "segundo a Comissão de Inquérito da ONU". - Análise de fonte: o aluno registra autor, instituição, data, tipo de fonte, afirmação principal, evidências e pontos contestados. - Classificação: o aluno coloca corretamente as informações no quadro de três colunas. - Linguagem responsável: o aluno não generaliza povos nem religiões e atribui cada ação a quem a praticou ("o Hamas", "o governo israelense", "a ONU documentou").

Produtos possíveis: a síntese individual, uma linha do tempo comentada ou uma checagem de uma postagem de rede social.

Acusações: se um aluno citar acusações contra Israel, como a de genocídio, a avaliação verifica se ele as trata como qualificações jurídicas e políticas disputadas, feitas por atores específicos, e não como fatos estabelecidos.

Como falar sobre violência na escola sem traumatizar os alunos?

Para falar sobre violência na escola, o professor deve informar sem chocar, usando textos e dados no lugar de imagens explícitas, com aviso prévio e acolhimento.

Cuidados essenciais: - Avise antes que o tema envolve mortes, sequestros, violência sexual e crianças. - Não exiba vídeos de cadáveres, de violência explícita ou de crianças feridas, nem material de propaganda. - Prefira relatórios, análises de dados e depoimentos gravados de sobreviventes. - Permita que o estudante deixe de participar de uma atividade sem constrangimento. - Observe sinais de sofrimento, como silêncio incomum, choro, ansiedade, irritação ou retraimento; nesses casos, acione a orientação educacional e a rede de apoio da escola. - Mantenha a conversa centrada em pessoas e direitos, sem deixar o debate virar humilhação, culpa coletiva ou disputa sobre qual sofrimento "vale mais".

Alunos judeus podem ter familiares ou amigos em Israel, e alunos de origem árabe ou palestina também podem ter laços com a região. Todos merecem o mesmo acolhimento.

Como gerir conflitos em sala de aula durante o debate?

Para gerir conflitos em sala de aula, o professor combina regras antes do debate: falar de fatos com fonte, atribuir cada ação a quem a praticou e nunca atacar um colega pela identidade dele.

Exemplos de conflitos escolares que podem surgir neste tema: - Um aluno culpa "os judeus" pelo que acontece em Gaza. - Um aluno trata palestinos ou muçulmanos como responsáveis coletivos pelos atos do Hamas. - Um colega judeu, árabe ou muçulmano é cobrado para "representar" um lado. - Vídeos antigos ou tirados de contexto circulam no grupo da turma. - Um aluno usa slogans de rede social como se fossem fatos.

Como responder: - Individualize a responsabilidade. O Hamas é uma organização terrorista específica, enquanto judeus, israelenses, palestinos e muçulmanos são populações diversas. Civis não são governos, e vítimas não são culpadas pela sua identidade. - Nunca peça a um aluno que fale por um povo inteiro. - Explique o critério de antissemitismo. A JJO adota a definição de

antissemitismo da IHRA (Aliança Internacional para a Memória do Holocausto). Criticar decisões de um governo israelense não é, por si só, antissemitismo. O discurso passa a ser antissemita quando ataca judeus como grupo, usa estereótipos, teorias conspiratórias ou negação do Holocausto, ou responsabiliza todos os judeus pelos atos de Israel. Pelo critério da IHRA, negar o direito de Israel existir também é antissemitismo. - Rejeite também a islamofobia e o racismo. A JJO combate o antissemitismo sem ódio a nenhum povo ou religião, e o ataque do Hamas não autoriza hostilidade contra palestinos, árabes ou muçulmanos. - Troque frases genéricas por frases precisas: no lugar de "todo mundo sabe" ou "a mídia esconde", use "segundo a reportagem de tal data" ou "essa alegação está sob investigação".

Para saber mais: quais fontes usar na preparação da aula?

Para preparar a aula, as melhores fontes são documentos oficiais, relatórios da ONU, arquivos de testemunhos e agências de referência.

- **Escola Superior de Guerra:** livretos de contexto sobre o conflito publicados em outubro de 2023. Livreto de 11 de outubro e livreto de 24 de outubro.
- **ONU:** relatório da Comissão Internacional Independente de Inquérito (A/HRC/56/26), com dados sobre reféns e vítimas, e o relatório de Pramila Patten sobre violência sexual (S/2024/217).
- **Testemunhos:** o projeto Edut 710 e o arquivo da Biblioteca Nacional de Israel.
- **Reuters:** cobertura do primeiro dia do ataque, dos brasileiros retidos em Gaza e dos reféns libertados.
- **Memória e antissemitismo:** Yad Vashem, o Museu do Holocausto dos EUA (USHMM), o Museu do Holocausto de Curitiba e o Museu Judaico de São Paulo. A Conib (Confederação Israelita do Brasil) ajuda a entender a experiência da comunidade judaica brasileira.

Como os números de reféns mudaram com libertações, resgates, mortes confirmadas e acordos, indique sempre a data da informação usada em aula.

Perguntas frequentes

Como falar em sala de aula sobre um tema tão sensível?
Comece pelos fatos documentados, com fonte e data, e avise antes que o tema é difícil. Use relatórios e depoimentos no lugar de imagens explícitas, separe fato de alegação e atribua cada ação a quem a praticou. Nunca peça que um aluno represente um povo, e mantenha o foco nas pessoas, nos direitos e no Direito Internacional Humanitário.

Como falar sobre violência na escola sem expor os alunos?

Informe sem chocar. Não exiba vídeos de cadáveres, de violência explícita ou de propaganda terrorista; prefira dados, relatórios da ONU e depoimentos gravados de sobreviventes. Permita que um aluno deixe de participar sem constrangimento e observe sinais como choro, silêncio incomum ou ansiedade. Se eles aparecerem, acione a orientação educacional e a rede de apoio da escola.

Como gerir conflitos em sala de aula quando o debate esquenta?

Combine regras antes: falar com fonte, não generalizar povos nem religiões e não atacar colegas pela identidade. Individualize a responsabilidade, lembrando que o Hamas é uma organização terrorista específica e que judeus, israelenses, palestinos e muçulmanos são populações diversas. Se surgirem estereótipos, teorias conspiratórias ou culpa coletiva, interrompa com calma e explique por que isso é preconceito.

Quais são alguns exemplos de conflitos escolares ligados ao 7 de outubro?

Os exemplos mais comuns são culpar "os judeus" pela guerra, tratar muçulmanos ou palestinos como responsáveis pelos atos do Hamas e cobrar de um colega que "represente" um lado. Também acontecem a circulação de vídeos falsos ou fora de contexto e o uso de slogans como se fossem fatos, e cada caso pede checagem de fonte e linguagem precisa.

Fontes

1. Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio (MEC) — https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/bncc_ensino_medio.pdf
2. Escola Superior de Guerra – Livreto sobre o conflito em Israel (11/10/2023) — http://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/livretos/arquivos/livreto_2023_10_11_conflito_israel_-versao-final.pdf/@@display-file/file
3. Escola Superior de Guerra – Livreto sobre o conflito em Israel (24/10/2023) — http://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/livretos/arquivos/2023_10_24_conflito_israel_livreto_2-1-1.pdf/@@display-file/file
4. Edut 710 – Arquivo de testemunhos do 7 de outubro — https://www.edut710.org/
5. Reuters – Brasil convoca reunião de emergência do Conselho de Segurança após ataque a Israel — https://www.reuters.com/world/brazil-call-emergency-meeting-un-security-council-over-attack-israel-2023-10-07/
6. Reuters – Brasileiros retidos ainda presos em Gaza — https://www.reuters.com/world/middle-east/trapped-brazilians-source-tensions-with-israel-still-stuck-gaza-2023-11-10/
7. Reuters – Brasileiros retidos deixam Gaza — https://www.reuters.com/world/trapped-brazilians-whose-fate-hurt-israel-brazil-ties-leave-gaza-2023-11-12/
8. Reuters – Reféns israelenses libertados — https://www.reuters.com/wider-image/freed-israeli-hostages-every-moment-is-now-precious-2026-10-05/

Material da Juventude Judaica Organizada (JJO), em revisão. Pode ser copiado e usado em sala, em grupos e em casa, citando a fonte. Correções: jjo.org.br/quem-somos/#correcoes